

PONTO CRÍTICO

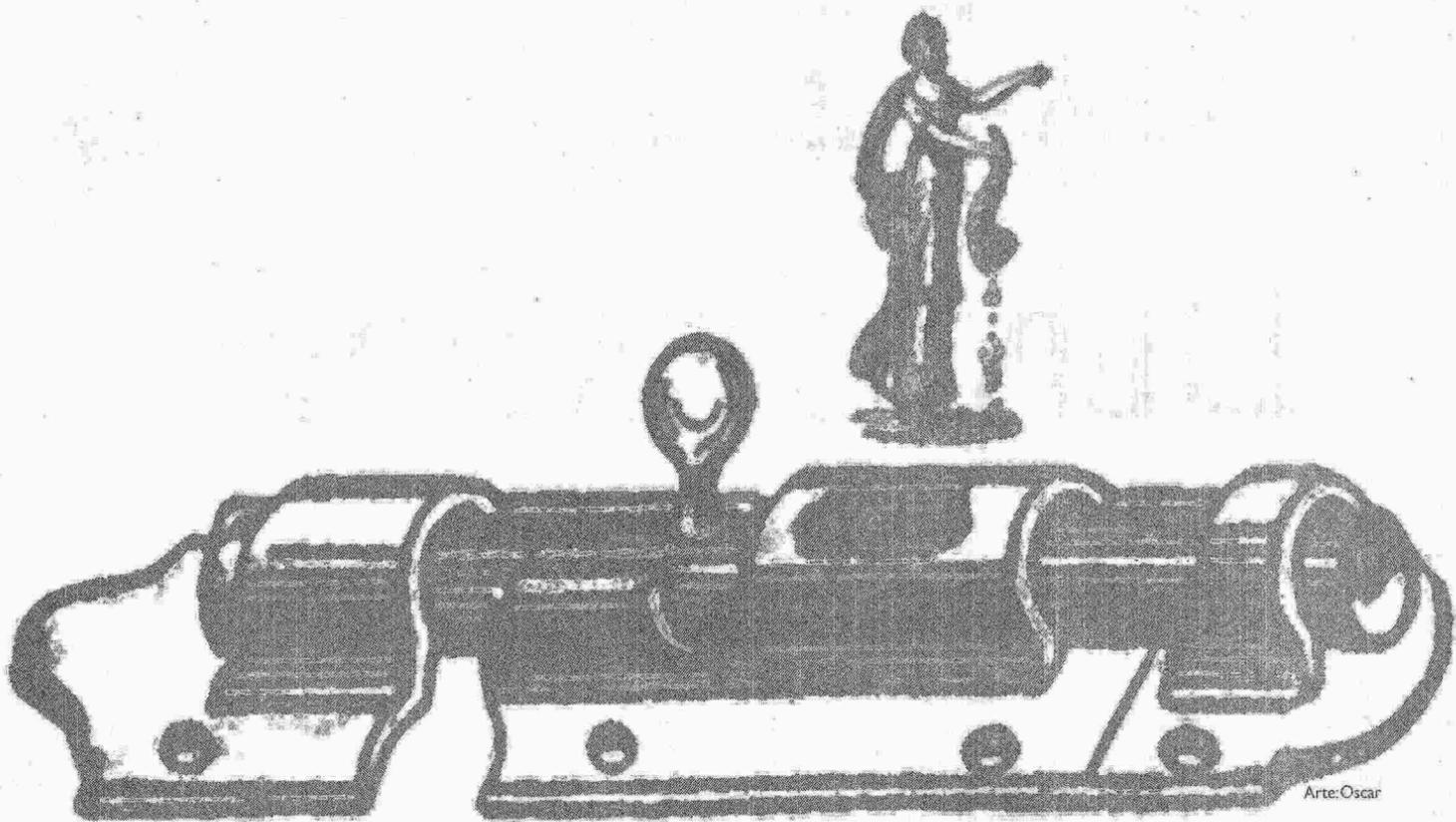
EMPREGOS

Permitir a todo comércio o funcionamento aos domingos beneficia o comerciário?

A Câmara Legislativa do DF vota esta semana o projeto que estende a todo comércio a autorização, até agora limitada a supermercados e shoppings, para abrir aos domingos e feriados, como medida para gerar

empregos. O presidente da Federação do Comércio do DF, Sergio Koffes, entende que o funcionamento das lojas sem restrições vai gerar mais empregos. Já a presidente do Sindicato dos

Comerciários de Brasília, Geralda Godinho de Sales, acha que essa abertura vai sacrificar os empregados e os pequenos comerciantes, sem combater o desemprego no setor.



SIM

BRASÍLIA ESTÁ FICANDO PARA TRÁS

Sergio Koffes

Nos últimos nove meses, as vendas no comércio do Distrito Federal caíram 21%, segundo o Instituto Fecomércio de Pesquisas. As causas são muitas, entre as quais a crise econômica, mas há muitas saídas ao nosso alcance.

Uma dessas saídas é a abertura do comércio aos domingos. Em diversas cidades, onde as barreiras políticas já foram superadas, o domingo já é o segundo dia de vendas. As lojas investem em promoções, divulgação e também — é claro — em pessoal.

Em Brasília, não. Existe um verdadeiro complô, envolvendo diferentes áreas da sociedade, para dificultar a iniciativa do comerciante que pensa em atender o público no fim de semana. Isso apesar de haver pesquisas provando que mais de 85% da sociedade quer fazer compras aos domingos. Na verdade, for-

ças políticas trabalham nas sombras contra a vontade da população.

Esses atravessadores alegam que a abertura das lojas aos domingos não gerará empregos e que os trabalhadores serão explorados. São conceitos demagógicos, emitidos para manter poderes sindicais e para valorizar um processo de negociação artificial, já superado no mundo moderno. A Fecomércio, como entidade que congrega 26 sindicatos, busca uma solução global para o comércio, sem a exigência de dez dezenas de acordos trabalhistas para os diversos segmentos empresariais.

As principais argumentações contra a liberdade de funcionamento são contestadas com facilidade. Os direitos dos trabalhadores estão permanentemente assegurados pelas leis e pela fiscalização. E a contratação de

empregados é uma consequência da resposta que o comércio tiver da clientela.

A pergunta que se deve fazer é: o domingo é um bom dia para vendas? Se for — como parece a todos os que entendem do assunto — certamente haverá investimento em pessoal e desenvolvimento para todas as partes envolvidas.

O comércio, principalmente nos shoppings, está muito associado ao lazer. E o dia ideal para lazer é sempre o domingo. A clientela masculina (os maridos, principalmente) tem no fim de semana a melhor opção para compras. E essa clientela, até que se prove o contrário, é a de melhor poder aquisitivo.

A abertura aos domingos já aconteceu em quase todo o país e Brasília, que se orgulha de ser vanguarda em diversas áreas, está ficando para trás. Em São

Paulo, por exemplo, o empresário abre a sua empresa quando quiser. Em outras capitais, o comércio conseguiu liminares na Justiça, para funcionar aos domingos, com a justificativa de que sofre concorrência dos supermercados 24 horas, das lojas de conveniência e das feiras tipo Paraguai. Todos esses argumentos valem para o DF.

A discussão revela ainda outra distorção: está concentrada em lojas de shoppings. A Fecomércio tem preocupação mais ampla, querendo liberdade para o comércio nas entrequadras do Plano Piloto e nas cidades-satélites, que podem se organizar para funcionar como shoppings horizontais.

Em outras palavras, queremos gerar desenvolvimento.

■ Sergio Koffes é presidente da Fecomércio-DF

NÃO

SÓ AUMENTO DE CONSUMO GERA EMPREGO

Geralda Godinho de Sales

A diretoria do Sindicato dos Comerciários do DF estabeleceu com centenas de empresas do comércio acordos para o funcionamento do comércio aos domingos — todos assistidos pelo Ministério Público e aprovados em assembléia da categoria —, o que tem resultado em ganhos aos empregados pelo dia a mais de trabalho. Por sua vez, exceto naqueles domingos que precedem as datas comemorativas, a experiência não tem sido muito positiva para os lojistas, uma vez que a demanda em geral está estagnada, principalmente em razão das dificuldades enfrentadas pelo consumidor principal da capital — o servidor público local e federal — que está há vários anos sem reajuste salarial. Mesmo sabendo desse fato como importante componente econômico, o governador encaminhou à Câmara Legislativa projeto que libera o horário de funcionamento do comércio. Mesmo tendo sob seus olhos a folha de pagamento dos servidores, congelada lá e cá abonada. Por que fingir que o volume de consumo está na proporção da quantidade de horas de funcionamento das lojas?

Se não há consumo, não há vendas que justifiquem o comér-

cio aberto em todos os domingos. Por que então alguns segmentos patronais insistem na questão como se fosse a salvação da lavoura contra a onda de desemprego que atinge a população brasileira? É que hoje existe uma lei que condiciona o funcionamento do comércio à celebração de acordos entre os sindicatos patronal e laboral, com algumas compensações econômicas e contrapartidas sociais aos empregados. Liberando o horário de funcionamento do comércio, os patrões se livrariam dessas responsabilidades, tornando domingos e feriados dias normais — quando para quase todos os trabalhadores são dias diferentes.

Alguns maus patrões têm a cara-de-pau de dizer que em várias outras profissões — médicos, rodoviários, policiais, por exemplo — o trabalho aos domingos é comum. Mas o que eles esquecem é que para trabalhar nesses dias esses profissionais têm escala especial de revezamento e recebem remuneração extra — que alguns patrões querem surrupiar dos trabalhadores do comércio.

A liberação do horário do comércio é uma questão que só interessa mesmo aos empreen-

dedores dos shoppings — que não estão lá muito preocupados com a questão do desemprego para o setor. Para os donos dos shoppings, que faturam um percentual polpudo sobre as vendas das lojas, se os estabelecimentos estiverem abertos 24 horas, domingos, feriados, em dias santos, quanto mais melhor, pois há a perspectiva de mais faturamento. Apesar de as despesas gerais e encargos (inclusive com empregados) recaírem nas costas dos lojistas. Na outra ponta, quem já está preocupado com essa história de comércio aberto em todos os domingos e feriados são os comerciantes de cidades-satélites, entrequadras e W3. Sabendo que os shoppings estarão abertos aos domingos, muitos dos consumidores que gastam os poucos reais que lhes restam nos pequenos comércios das satélites poderão deslocar a demanda para dentro dos shoppings, o que poderá acelerar o quadro de quebradeira dos pequenos e acarretar demissões.

Certa feita, uma liderança do setor patronal, que defendia a liberação do horário do comércio alegando o questão do desemprego, nos confessou: "Eu quero a liberdade de funcionamento do

comércio, mas você acha que eu sou otário de contratar uma caixa, um gerente, funções de confiança para trabalhar só aos domingos?". Ninguém quer contratar empregados só para os domingos, ninguém pode contratar para outros turnos. Como gerar novos empregos?

A diretoria do sindicato está aberta para discutir qualquer proposta que amenize a questão do desemprego, que resolva o sofrimento de milhares de trabalhadores brasileiros e comerciários desempregados. Inclusive temos concordado com o funcionamento de alguns supermercados 24 horas, desde que sejam criados novos turnos de trabalho e novos empregos sejam gerados — tudo isso devidamente acompanhado pelo sindicato. Entretanto, o projeto que libera o horário do comércio sem qualquer critério tem o nosso repúdio e é apenas mais uma maneira de se retirar conquistas dos trabalhadores do comércio (as compensações através de acordos), sem resolver realmente a situação daqueles que estão do outro lado do mercado de trabalho: os desempregados.

■ Geralda Godinho de Sales é presidente do Sindicato dos Comerciários do DF